

HUMANAS E SOCIAIS

V.10 • N.1 • 2023 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2023v10n1p199-212



O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO: SAÚDE DO TRABALHADOR A PARTIR DO POEMA DE VINÍCIUS DE MORAES

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO: HEALTH OF THE WORKER FROM VINÍCIUS DE MORAES

EL OBRERO EN CONSTRUCCIÓN: SALUD DEL TRABAJADOR A PARTIR DEL POEMA DE VINÍCIUS DE MORAES

Diego de Oliveira Souza¹
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos²

RESUMO

O texto analisa o poema “O operário em construção” de Vinícius de Moraes, adotando, metodologicamente, a técnica de análise imanente. Parte-se do pressuposto de que o poema toma a realidade a partir de uma perspectiva dialética, pautada pela luta de classes. Após resgatar, brevemente, vida e obra do poeta, mostra-se como Vinícius consegue poetizar a dinâmica de construção da consciência do operário enquanto tal, mesmo imerso em um profundo processo de exploração. O artigo apresenta analogias particulares ante a saúde dos trabalhadores, tomando a problematização da exploração do trabalho e a construção da consciência como fio condutor que está presente tanto no poema quanto no campo da Saúde do Trabalhador.

PALAVRAS-CHAVE

Consciência. Luta de Classes. Operário. Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

The text analyzes the poem *O operário em construção* by Vinícius de Moraes, adopting, methodologically, the immanent analysis technique. It assumes that the poem takes reality from a dialectical perspective, guided by class struggle. After briefly reviewing the poet's life and work, we show how Vinícius manages to poetize the dynamics of construction of the consciousness of the worker as such, even immersed in a profound process of exploration. The article presents particular analogies in the face of the health of workers, taking the problematization of labor exploitation and the construction of consciousness as the common thread that is present both in the poem and in the field of Health of Worker.

KEYWORDS

Conscience. Class Struggle. Worker. Occupational Health.

RESUMEN

El texto analiza el poema *El obrero en construcción* de Vinícius de Moraes, adoptando, metodológicamente, la técnica de análisis inmanente. Se supone que el poema toma la realidad desde una perspectiva dialéctica, guiada por la lucha de clases. Tras recordar brevemente la vida y la obra del poeta, se muestra cómo Vinícius consigue poetizar la dinámica de construcción de la conciencia del trabajador como tal, incluso inmerso en un profundo proceso de explotación. El artículo presenta analogías particulares frente a la salud de los trabajadores, tomando la problematización de la explotación laboral y la construcción de la conciencia como hilo conductor presente tanto en el poema como en el campo de la Salud del Trabajador.

PALABRAS CLAVE

Conciencia. Lucha de clases. Trabajador. Salud laboral.

1 INTRODUÇÃO

O poema *O operário em construção* de Vinícius de Moraes (1913-1980), escrito em 1956, depreende a dinâmica dialética da práxis do trabalho, porquanto demonstra a possibilidade do despertar da consciência do operário, mesmo face à sua exploração. A análise do cotidiano do operário em construção percorre o “caminho de duas vias” tão caro a pensadores como Karl Marx e Georg Lukács, porquanto o processo de conhecimento, pautado nas determinações mais profundas dos objetos analisados, desconstrói a realidade imediata para depois reconstruí-la como concreto pensado. Nas “duas vias”, o caminho de ida apenas permite dizer o que o objeto não é. Mas, seguido de sucessivas analogias no âmbito do ser social, o caminho de volta possibilita dizer o que o objeto é em si (LUKÁCS, 2018a).

Na ontologia marxiana, o cotidiano é sempre dialético, uma vez que nas sociedades de trabalho alienado emergem diversas reificações que afastam o indivíduo das potencialidades do gênero humano. Indivíduos e suas humanidades se coisificam e, portanto, as relações humanas se tornam coisas, mercadorias para sermos mais exatos. Ao mesmo tempo, é no cotidiano que estão contidas as fecundas possibilidades do gênero humano pela desconstrução e reconstrução da coisificação de todas as coisas, tal qual um trecho do próprio poema nos revela: “Mas ele desconhecia/Esse fato extraordinário:/Que o operário faz a coisa/E a coisa faz o operário” (MORAES, 1960, p. 306).

Esse processo não está restrito ao campo científico, mas também, e talvez principalmente, à estética e à arte, poesia nesta soberanamente incluída (LUKÁCS, 1974). Esse horizonte é retratado por Vinícius de Moraes: “Pois além do que sabia/- Exercer a profissão -/O operário adquiriu/Uma nova dimensão:/A dimensão da poesia” (MORAES, 1960, p. 307). Ou seja, a arte consiste em via para a efetivação de processos de transformação de consciência, mas, ao mesmo tempo, ela representa uma dimensão a ser alcançada pelas consciências transformadas, como em uma espiral na qual os elementos se retroalimentam.

O entendimento da realidade e o enfrentamento de seus processos alienantes não podem se dá sem a contribuição da arte. É por esse viés que o poema de Vinícius de Moraes, enquanto reflexo estético do cotidiano operário, descortina a exploração e a alienação no trabalho, tal qual ocorre no capitalismo. É um descortinar irresistivelmente dialético, uma vez que não aceita a ideia fatalista do operário que sucumbe a esse tipo de trabalho, mas vislumbra um horizonte de tomada de consciência.

Esse breve texto, considerando essas contingências estéticas, se propõe a analisar o poema, estabelecendo correlações com a questão da saúde dos trabalhadores. Inicialmente, apresentamos uma seção de apresentação sobre vida e obra de Vinícius, mas apenas destacando alguns pontos de importância para que o leitor se situe na análise a ser desenvolvida *a posteriori*.

A análise em si, do ponto de vista metodológico-operacional, toma o poema como caso de estudo, em sua estrutura imanente, tal qual propôs José Chasin (1978). Nesse tipo de análise, depreende-se as interrelações internas entre os argumentos e as categorias teóricas do texto analisado, enquanto totalidade. Analisamos cada estrofe em separado e reconstruímos o texto a partir da união de suas ideias centrais.

As ideias centrais do texto analisado nos permitem desvelar o processo social ali poetizado, como

unidade genérica, mas repleta de particularidades contingenciais. Entre essas particularidades, destacamos a questão da saúde dos trabalhadores, nosso foco analítico. Para tal, tecemos caminhos de aproximação entre a perspectiva estética contida no poema (com sua crítica genérica à exploração/alienação) com as premissas teóricas do campo da Saúde do Trabalhador. Neste campo, entende-se a saúde como resultado das contradições do complexo do trabalho, o que abre um largo caminho para desenvolvermos as analogias pretendidas, inclusive apontando alguns limites que o próprio campo possui para o enfrentamento radical dos reflexos da exploração na saúde.

2 VINÍCIUS DE MORAES: ARTE APAIXONADA, REALIDADE POETIZADA

Da biografia de Vinícius de Moraes escrita por José Castello, recuperamos algumas passagens de interesse para a nossa análise. O traço marcante da obra do carioca Vinícius, nascido em 19 de outubro de 1913, está na forma como refletia a vida real na ficção, com paixão. Para Carlos Drummond de Andrade, Vinícius era o único poeta carioca de seu tempo; o único, entre os poetas, a viver como poeta (CASTELLO, 1994).

Esse perfil, personalidade e, conseqüentemente, estilo de vida, levou o poeta autenticamente carioca a viver rodeado de polêmicas, paixões e uma vida intensamente boemia. Inclusive, acredita-se que o seu estilo de vida tenha contribuído para uma morte precoce, em 09 de julho de 1980, após edema pulmonar. Não obstante, pelos mesmos motivos (pela intensidade com a qual viveu as emoções mais genuínas da vida real), conseguiu traduzir a realidade em poesia, em música, em dramaturgia, enfim, em uma obra reconhecidamente capaz de captar a sensibilidade das relações humanas (CASTELLO, 1994).

Formado em Letras (1929) e em Direito (1933), Vinícius conviveu com grandes artistas e intelectuais brasileiros. Destaca-se sua amizade com os poetas Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade; assim como as parcerias musicais, sobretudo com Tom Jobim, Baden Powell, João Gilberto, Chico Buarque, Pixinguinha, Carlos Lyra e Toquinho. Aliás, é preciso destacar que o Vinícius mais maduro demonstra certa predileção pela música, o que, certamente, contribuiu para a amplitude das produções oriundas das parcerias que formou nesse âmbito, com repercussão mundial, a exemplo da emblemática música *Garota de Ipanema*, composta por Tom e letrada por Vinícius (CASTELLO, 1994).

Na poesia, convém salientar a consistência e variedade de sua obra, vide a sua *Antologia poética*, com primeira edição publicada em 1953. Nesse momento, Vinícius já vivia uma segunda fase poética, avançando desde um caráter mais místico, por vezes, religioso, até uma fase mais voltada ao mundo material, revestida de crítica social³. É nesta fase que se situa a publicação do poema *O operário em construção*, escrito em 1956, publicado no quinzenário *Para todos*, onde Vinícius passou a colaborar a convite de Jorge Amado (CASTELLO, 1994).

A fase poética de Vinícius com tom mais crítico, inclusive, demonstra sua superação consciente da fase anterior, quando ele, em alguns momentos, revela repulsa ao idealismo que lhe foi, antes, característico.

³ Essa fase se inicia com “Cinco Elegias” (1943), mas tem outros poemas marcantes, a exemplo de “Rosa de Hiroshima” (1954).

A aproximação com a crítica social (com alguma influência da visão política de esquerda, de sua amizade com grandes nomes do Modernismo brasileiro⁴ e de sua sensibilidade social) podem ter contribuído para essa virada. Isso não significa dizer que a obra de Vinícius tenha perdido pujança afetiva; ao contrário disso, avançou para o patamar mais autêntico dos sentimentos humanos ante a realidade social.

Vinícius se consolidou enquanto uma personalidade ímpar na cultura brasileira e internacional, com atuação multifacetada, em diversas áreas, inclusive com carreira diplomática e posicionamentos políticos incisivos. Embora pela sua obra perpassem fases diferentes, é reconhecido como poeta de arte genuinamente humana. Como afirmou Castello (1994), Vinícius de Moraes, “o poeinha”, é certamente o grande poeta da paixão. Ele conseguiu coadunar variados sentimentos em sua obra, inclusive a indignação social em face das desigualdades e problemas da sociedade. Aliás, tal qual o operário, Vinícius foi um poeta em construção: “Começou a dizer ‘não’/E aprendeu a notar coisas/A que não dava atenção” (MORAES, 1960, p. 308). Acreditamos que esse último caráter está representado, com profundidade, no poema que analisamos e debatemos a seguir.

3 O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO: NOTAS GENÉRICAS

Inicialmente, destacamos que *O operário em construção* traz estrofes nas quais estão representados entraves importantes para a consciência operária ante a dinâmica de sobrevivência diária; mas, logo em seguida, de forma disruptiva, faz eclodir um operário que se dá conta do que ele é e do processo do qual decisivamente participa. Vejamos: “De fato, como podia/Um operário em construção/ Compreender por que um tijolo/Valia mais do que um pão?/ [...] Mas ele desconhecia/Esse fato extraordinário:/Que o operário faz a coisa/E a coisa faz o operário” (MORAES, 1960, p. 305-306).

Esse ponto do poema chama a atenção para o processo de coisificação, entendido, na tradição marxista, como processo no qual a forma fenomênica das coisas produz espontaneísmos e automatismos que ocultam as suas origens. As coisas sociais, ao serem tomadas como naturalmente dadas, passam a produzir um efeito social alienado; isto é, embora permaneçam, irremediavelmente, como criaturas sociais dos seres humanos, passam a dominá-los. Obviamente, essas coisificações espontaneístas têm suas origens em coisificações mais profundas, autênticas, a exemplo do fetichismo da mercadoria, tratado por Marx, em 1988 (LUKÁCS, 2018b).

No processo de coisificação, elevado a seu mais alto grau no capitalismo, o operário não conhece as razões por que o caráter útil das coisas (para Marx, valor de uso) seja subordinado ao valor de troca, tampouco o porquê de tais coisas, criaturas do homem, dominarem a vida de seus criadores (MARX, 1988). Ora, mas isso não interdita, em absoluto, que por determinadas condições objetivas e subjetivas, um operário, no bojo da luta de classes, descubra tal caráter, consoante destaca Vinícius de

4 Esse movimento (primeira metade do século XX) foi responsável por uma virada cultural brasileira, a fim de olhar para a sua própria realidade social. Embora seja heterogêneo e composto por fases distintas, pode-se aceitar que esse movimento abriu maior espaço para as críticas sociais na arte brasileira, embora, algumas vezes, com nacionalismo exacerbado e tom mais reformista e pouco revolucionário.

Moraes: “Soube naquele momento!/Naquela casa vazia/Que ele mesmo levantara/Um mundo novo nascia” (MORAES, 1960, p. 307).

O trabalho, portanto, ainda que alienado, nunca terá seu papel de fundante do ser social suprimido (MARX, 1988; LUKÁCS, 2018b). É nesse processo que o homem transforma a natureza, mas também se transforma, se autoconstrói enquanto indivíduo e gênero. Essa foi a descoberta do operário em construção, pois chegou o momento em que ele, livre de véus, enxergou que “um mundo novo nascia” a partir de seu trabalho, todos os dias. Desse trabalho se consubstancia uma espiral paradoxal de humanização-desumanização, uma vez que o trabalho funda o mundo e, portanto, o próprio homem, mas passa a destruí-lo quando está sob um modo alienado. Trata-se, então, de paradoxo apenas resolvível na luta de classes, nunca individualmente.

Vinícius de Moraes, em seu poema, avança com esse processo de consciência, do indivíduo à classe: “E um fato novo se viu/Que a todos admirava:/O que o operário dizia/Outro operário escutava./E foi assim que o operário/Do edifício em construção/Que sempre dizia sim/Começou a dizer não” (MORAES, 1960, p. 307-308). Aqui temos, primeiro, o processo de coletivização do processo de consciência, da classe se vendo enquanto classe. Segundo, destaca-se o horizonte possível nesse estágio de consciência, quando se passa a “dizer não” à exploração. A negação tem um papel peremptório na dialética da tomada de consciência, desde o estágio em-si. Obviamente, é apenas uma parte do processo, nunca suficiente para a construção da emancipação humana, nem mesmo nas suas determinações subjetivas. Isso porque o horizonte da consciência para-si consiste no seu estágio último. Isto é,

[...] ao assumir-se enquanto classe, o proletariado nega o capitalismo afirmando-o. Organiza-se como qualquer vendedor que quer alcançar um preço maior por sua mercadoria. Portanto, em sua luta revolucionária, não basta o proletariado assumir-se enquanto classe (consciência em si), mas para além de si mesmo (consciência para si). Conceber-se não apenas como um grupo particular com interesses próprios dentro da ordem capitalista, mas colocar-se diante da tarefa histórica da superação desta ordem. A verdadeira consciência de classe é fruto desta dupla negação: num primeiro momento o proletariado nega o capitalismo assumindo sua posição de classe, para depois negar-se a si próprio enquanto classe, assumindo a luta de toda a sociedade por sua emancipação contra o capital. (IASI, 1999, p. 24).

Outra ressalva consiste no fato de que a consciência em-si não implica a desalienação do trabalho, pois como argumenta Lessa (2018), a alienação não é um estado de consciência, mas um processo objetivamente constituído cuja pedra de toque (no caso do capitalismo) é a propriedade privada dos meios de produção (e a exploração do trabalho que lhe dá identidade). Portanto, o trabalhador pode tomar consciência de que é explorado, mas ainda assim continuar explorado e, conseqüentemente, tendo o seu trabalho alienado de si, subsumido às mercadorias (às coisas).

Embora com essas ressalvas, não se pode deixar de reconhecer que a consciência em-si é um pressuposto *sine qua non* para a luta de classes, que deve avançar à negação de toda alienação humana suscitada pelo capital, para afirmar a sua emancipação. A ciência e a arte, nunca neutras, podem contribuir para esse propósito, embora também possam, enquanto ideologia no sentido estrito (LUKÁCS, 2018b), obscurecer essas possibilidades.

4 A SAÚDE D' O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

O processo mais genérico abordado em *O operário em construção* se particulariza no campo sanitário, o que possibilita estabelecer algumas analogias com os processos de luta dos trabalhadores por saúde, tendo em vista que elas marcaram a construção de um novo campo científico e institucional no que diz respeito à relação trabalho-saúde.

Um primeiro ponto a ser destacado consiste no entendimento da saúde além de sua dimensão fisiopatológica, mas como reflexo das relações sociais, cujo eixo é o trabalho. A ideia de determinação social da saúde foi sendo construída (décadas de 1960, 1970 e 1980) por acadêmicos e militantes que contestavam as ideias e os modelos de intervenção na saúde por vieses reificantes, reduzindo o ser humano à doença ou a uma coisa a ser manipulada (BREILH, 2013; SOUZA, 2020).

Essa ideia (de relações sociais subjacentes ao processo saúde-doença, com raízes no trabalho, mas para além dele) pode ser apreendida do poema:

Notou que sua marmita/Era o prato do patrão/Que sua cerveja preta/Era o uísque do patrão/Que seu macacão de zuarte/Era o terno do patrão/Que o casebre onde morava/Era a mansão do patrão/Que seus dois pés andarilhos/Eram as rodas do patrão/Que a dureza do seu dia/Era a noite do patrão/Que sua imensa fadiga/Era amiga do patrão./E o operário disse: Não! (MORAES, 1960, p. 308).

Ora, é no âmbito da reprodução social do trabalhador que a tragédia da sua saúde se efetiva, pois não se pode tê-la quando não se tem o que comer, o que vestir, onde morar etc. São as diversas dimensões da determinação social da saúde, confluentes para um processo de “imensa fadiga”, dialeticamente articulada à boa-vida do padrão. A fadiga deve ser aqui tomada como dimensão específica da saúde, geralmente associada às jornadas de trabalho prolongadas e/ou intensificadas, que corroem o trabalhador física e mentalmente (LAURELL; NORIEGA, 1989). Constitui-se, assim, um processo no qual trabalho e reprodução social degradam o trabalhador, atuando em sinergia para o seu adoecimento.

Como processo socialmente determinando, a saúde na sociedade capitalista expressa o processo de exploração do trabalho e a desigualdade que lhe é colorária, o que implica eminência à questão da saúde da classe trabalhadora, consignada à luta de classes. Tal condição tem sido colocada como uma das premissas do campo da Saúde do Trabalhador, ainda que com os limites próprios do que é a ciência vigente (SOUZA; MELO; VASCONCELLOS, 2015; SOUZA; MELO; VASCONCELLOS, 2017).

Na articulação entre luta de classes e lutas por saúde, o caso mais emblemático, no que se refere à construção do campo da Saúde do Trabalhador, é o do movimento operário italiano, nas décadas de 1960 e 1970. Dele, pode-se perceber, pouco em pouco, que os operários italianos, a partir de uma aliança com técnicos da saúde, chegaram à conclusão de que a destruição de sua saúde era produto da exploração que sofriam. Ou seja, seu suor e seu sangue derramados se transformavam em capital acumulado pelos possuidores dos meios de produção (MACCACCARO, 1980).

Essa conclusão permeou as origens teórico-metodológicas da Saúde do Trabalhador, a exemplo das primeiras obras de Berlinguer (1983), ainda na Itália, ou de teóricos latino-americanos (LAU-

RELL; NORIEGA, 1989; TAMBELLINI, 1986), sobretudo nos anos 1980. Nesse percurso, constituiu-se um campo contra-hegemônico, que questiona a perspectiva da Medicina do Trabalho e da Saúde Ocupacional – ambas com origens na preocupação burguesa com a queda de produtividade (MENDES; DIAS, 1991) – e tenta avançar para um modelo no qual se reconheça que a autoridade sobre a saúde dos trabalhadores deve ser dos próprios trabalhadores (BERLINGUER, 1983; LAURELL; NORIEGA, 1989; MENDES; DIAS, 1991).

Analogamente à construção genérica da consciência de classe em si, a ruptura que a Saúde do Trabalhador se propõe a fazer ante a Medicina do Trabalho/Saúde Ocupacional expressa um avanço da classe trabalhadora no entendimento de que o sujeito das ações de saúde não pode ser outro senão ela mesma, trazendo o seu saber e a sua experiência para o centro do processo. Ou seja, trata-se de uma faceta particular do operário (enquanto classe) em construção, porquanto ele descobre que sua saúde é destruída pelo capital e que os modelos (hegemônicos) de intervenção nessa questão o coloca na posição de objeto coisificado no processo, como mero fator produtivo, equivalente aos meios de produção.

Assim como a própria consciência do operário, a Saúde do Trabalhador se põe como um campo permanentemente em construção em face das relações sociais:

Enquanto campo de conhecimento, Saúde do Trabalhador é, por isso, uma construção que combina um alinhamento de interesses, em determinado momento histórico, onde as questões, politicamente colocadas, adquirem relevância e há condições intelectuais para discuti-las e enfrentá-las sob os pontos de vista científico e epistemológico. [...] Nele estão presentes, de forma latente ou explícita, as contradições que marcam as relações entre capital e trabalho e que permeiam as concepções, relações de força, monopólios, estratégias e práticas dos profissionais com atribuições e compromissos diferenciados na área. (MINAYO-GOMEZ; THADIM-COSTA, 1997, p. 25).

Lembremos que isso não significa que o campo da Saúde do Trabalhador rompa com o capitalismo, até porque, enquanto campo científico e político-institucional, compõe o metabolismo social do capital e sua ciência fragmentária; mas implica reconhecer que ele, sem dúvidas, desvela importantes mediações da questão da saúde dos trabalhadores, antes ocultadas pela Medicina do Trabalho/Saúde Ocupacional, assim como abre novas possibilidades de luta coletiva (SOUZA; MELO; VASCONCELLOS, 2015; SOUZA; MELO; VASCONCELLOS, 2017). Deve-se, por isso, considerar uma relação dialética de construção-desconstrução:

Desse modo, a tentativa de construção do “campo” é limitada à lógica imanente de uma determinada divisão científica, o que implica a apreensão parcial da “questão” [da saúde dos trabalhadores]. Assim como a apreensão da “questão” pelo “campo” é parcial, a crítica feita por este à ciência do capital (e ao próprio capital) é limitada, em grande medida, por sua condição de fazê-la por dentro da divisão científica (e da divisão do trabalho) imposta pelo próprio capital – ou seja, enquanto um campo científico. [...] Assim, quando se fala em perseguir a construção do “campo”, deve-se considerar em que consiste, essencialmente, a natureza de um campo e quais são os seus pressupostos. Uma crítica ontológica

contínua de suas bases remete ao reconhecimento da virtude de alguns dos conhecimentos e das práticas que propõe (e só nesse prisma que se deve defender o “campo”), mas que implica desconstruí-lo enquanto espaço hermético, rumo à perspectiva da totalidade e confrontando o devaneio gnosiológico da ciência burguesa. (SOUZA, 2019, p. 77-78).

É como se o campo da Saúde do Trabalhador fosse o estágio em-si preparatório para a superação definitiva da degradação/alienação/fragmentação da saúde pelo capital e, portanto, superação dele mesmo enquanto campo, uma vez que sua existência está consignada a existência do trabalho explorado/alienado que adocece e mata.

Com efeito, o ponto fulcral que dispara a construção de um novo campo é a tomada de consciência dos sujeitos implicados em um processo destrutivo porque violento. A sensibilidade crítica de Vinícius de Moraes consegue captar o caráter de violência inerente ao antagonismo capital x trabalho, em especial sobre como a burguesia reage ao operário consciente, com sucessivas agressões, garantindo que o trabalho continue sendo fonte de sofrimento, ainda que a partir dele o homem continue, sempre, em construção. A expropriação da saúde tem no poema a multiplicidade de suas formas:

Em vão sofrera o operário/Sua primeira agressão/Muitas outras se seguiram/Muitas outras seguirão./Porém, por imprescindível/Ao edifício em construção/Seu trabalho prosseguia/*E todo o seu sofrimento/Misturava-se ao cimento/Da construção que crescia.* (MORAES, 1960, p. 309, grifo nosso).

A despeito de o próprio poema e nossa análise não se restringirem à construção civil, embora esta se destaque como um dos setores de com mais riscos à saúde (ASSOCIAÇÃO..., 2019), o operário em construção está em todos os setores econômicos, do chão da fábrica aos trabalhadores da saúde. Com efeito, a saúde no trabalho é condição essencial para que o trabalho exista, qualquer que ele seja.

Convém destacar que as respostas burguesas serão, sempre, mediadas pela violência, embora às vezes disfarçadas com uma camuflagem ideologicamente mais sofisticada, sobretudo pelas estratégias de cooptação do trabalhador. O poema é taxativo, mostrando como o burguês “tenta” o operário: “Dar-te-ei todo esse poder/E a sua satisfação/Porque a mim me foi entregue/E dou-o a quem bem quiser./Dou-te tempo de lazer/Dou-te tempo de mulher./Portanto, tudo o que vês/Será teu se me adorares/E, ainda mais, se abandonares/O que te faz dizer não” (MORAES, 1960, p. 309).

Apesar dessa tentativa/tentação, o operário consciente é capaz de responder desde seu lugar de classe: “- Mentira! - disse o operário/Não podes dar-me o que é meu” (MORAES, 1960, p. 310). Se a classe trabalhadora produz o mundo, o mundo a ela pertence, conforme Marx já havia assinalado (MARX, 1988).

Mesmo tomada essa consciência e tendo dito não, prossegue a expropriação diuturna daquilo que os operários produzem, o que exige que eles se levantem, enquanto classe, reivindicado aquilo que lhes pertence, também de forma diuturna. Porém, nos últimos 30 ou 40 anos, assistimos, cada vez mais, a um recuo no processo de consciência e, conseqüentemente, a ausência de posicionamentos mais firmes na luta de classes. São tempos contrarrevolucionários, nos quais a classe trabalhadora tem sucumbido ao processo de cooptação, haja vista a crise dos sindicatos, quando a maioria deles

adota um caminho de conciliação entre os interesses do capital e do trabalho, ignorando que tais interesses são antagônicos (ALVES, 2002).

Isso se reflete no campo da Saúde do Trabalhador, porquanto ele seja, cada vez mais, invadido pela Saúde Ocupacional, ignorando o protagonismo dos trabalhadores nas ações sanitárias e se limitando, muitas vezes, à monitoração de limites de tolerância e notificação de agravos (SOUZA; MELO; VASCONCELLOS, 2015; SOUZA; MELO; VASCONCELLOS, 2017). Na saúde ocupacional, os vieses legalistas e tecnicistas abrem uma alameda para as práticas de negociação com representantes do grande capital ou com setores do Estado afeitos aos interesses dele, alijando a classe trabalhadora do processo ou, quando muito, cooptando-a para a formação de consensos. No caso brasileiro, isso fica evidente no caso da Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (Renast):

A falta de comunicação entre os Cerests, poucas articulações intra e intersetoriais e o predomínio da concepção assistencialista em saúde do trabalhador evidenciam o embasamento mecanicista, segmentado e fragmentado da Renast. A lógica das partes prevalece. Para avançar na perspectiva da rede, a Renast depende de uma matriz diferente, calcada em uma lógica do todo, na perspectiva sistêmica, integralizadora e totalizadora [...] O campo da saúde do trabalhador no Brasil tem uma bela história de pessoas, instituições e movimentos organizados que lutaram e lutam, desde a Reforma Sanitária da década de 1970, por sua concretização e institucionalização. Ao mesmo tempo, possui uma história de invisibilidade e isolamento. (LEÃO; VASCONCELLOS, 2011, p. 98).

O processo de construção de consciência operária no que concerne à saúde parece ter mingua-do, retroagido e se transformado em algo distante daquelas origens vinculadas à luta de classes, vide a institucionalização da Saúde do Trabalhador em estruturas fragmentadas consoante a Renast. É preciso recuperar o brio das origens do campo, tomar posição na luta de classes, contra a exploração, na defesa da saúde. Tal tarefa também pressupõe fazer saúde, ciência e arte que sejam para os trabalhadores, com os trabalhadores. Acreditamos que obras como a de Vinícius de Moraes enveredam por esse caminho e contribuem para que ampliemos os horizontes de análise e de ação.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE UM FINAL QUASE POÉTICO

Não há mais o que dizer quando o poema fala por si e as analogias tentadas não devem se estender além do que a arte propõe e que a ciência não alcança. Saúde do Trabalhador, enquanto campo, é luta e arte prenunciativa da saúde dos trabalhadores, enquanto questão definitiva como moldura da emancipação. Nesse tom, voltamos ao início do poema, destacando o patamar a que pode chegar o operário em construção, inatingível aos homens que são, “apenas”, do pensamento:

[...] Era ele quem fazia/Ele, um humilde operário/Um operário em construção./Olhou em torno: a gamela/Banco, enxerga, caldeirão/Vidro, parede, janela/Casa, cidade, nação!/
[...]

Tudo, tudo o que existia/Era ele quem os fazia/Ele, um humilde operário/Um operário que sabia/Exercer a profissão./Ah, homens de pensamento/Não sabereis nunca o quanto/Aquele humilde operário/Soube naquele momento! (MOARES, 1960, p. 305-307).

O saber operário, portanto, deve ser a pedra de toque para a construção de um novo campo, em determinação reflexiva com um novo patamar de consciência, capaz de armar o operário para as diversas lutas, a exemplo das lutas por saúde. Ao dizer não ao capital, o operário também diz não à destruição e à coisificação de sua saúde, ao passo que diz sim para si mesmo e para a dimensão da poesia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço crítico da “década neoliberal” (1990-2000). **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, p. 71-94, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782002000200006&lng=en&nr=iso&lng=pt. Acesso em: 22 ago. 2022.

ASSOCIAÇÃO Nacional de Medicina do Trabalho. Construção civil está entre os setores com maior risco de acidentes de trabalho. **Portal da Internet**, 2019. Disponível em: <https://www.anamt.org.br/portal/2019/04/30/construcao-civil-esta-entre-os-setores-com-maior-risco-de-acidentes-de-trabalho/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

BERLINGUER, Giovanni. **A saúde nas fábricas**. São Paulo: Cebes-Hucitec, 1983.

BREILH, Jaime. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, v. 31, supl. 1, p. 13-27, 2013.

CASTELLO, José. **Vinícius de Moraes: o poeta da paixão, uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

IASI, Mauro. **Processo de consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

LAURELL, Asa Cristina.; NORIEGA, Mariano. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

LEÃO, Luis Henrique de Costa; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel. Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (Renast): reflexões sobre a estrutura de rede. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 20, n. 1, p. 85-100, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742011000100010>. Acesso em: 21 ago. 2022.

LESSA, Sergio. **Aparato crítico**: obras de Georg Lukács volumes 13 e 14. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

LUKÁCS, Georg. **Estética**: cuestiones preliminares y de principio. Volume 1. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1974.

LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social volume 13**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.

LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social volume 14**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

MACCACARO, Giulio. Clase y salud. *In*: BASAGLIA, F. *et al.* **La salud de los trabajadores**: aportes para una política de salud. México: Editorial Nueva Imagen, 1980.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Livro primeiro, Tomo II. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MENDES, René; DIAS, Elizabeth Costa. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista de Saúde Pública**, v. 25, n. 5, p. 341-349, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101991000500003>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MINAYO-GOMEZ, Carlos; THEDIM-COSTA, Sonia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 13, supl. 2, p. 21-32, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1997000600003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 jan. 2022.

MORAES, Vinícius. O operário em construção. *In*: MORAES, Vinícius. **Antologia poética**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1960. p. 305-311.

SOUZA, Diego de Oliveira. O caráter ontológico da determinação social da saúde. **Serviço Social & Sociedade**, n. 137, p. 174-191, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.207>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira. A desconstrução (dos limites) do campo da saúde do trabalhador. **Em pauta**, n. 43, v. 17, 2019, p. 74-89, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/42503/29817>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira; MELO, Ana Inês Simões Cardoso de; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. Saúde do(s) trabalhador(es): do 'campo' à 'questão' ou do sujeito sanitário ao sujeito revolucionário. **Saúde em debate**, v. 41, n. 113, p. 591-604, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711319>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira; MELO, Ana Inês Simões Cardoso de; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. A saúde dos trabalhadores em “questão”: anotações para uma abordagem histórico-ontológica. **O Social em Questão**, v. 18, n. 34, p. 107-136, 2015. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_34_5_Souza_Melo_Vasconcellos.pdf. Acesso em: 16 jun. 2021.

TAMBELLINI, Anamaria Testa *et al.* Avanços na formulação de uma política nacional de saúde no Brasil: as atividades subordinadas à área das relações produção e saúde. Conferência Nacional de Saúde dos Trabalhadores, 1986. **Anais [...]**, Rio de Janeiro, Cesteh-ENSP-Fiocruz, 1986.

Recebido em: 22 de Novembro de 2022

Avaliado em: 4 de Fevereiro de 2023

Aceito em: 2 de Abril de 2023



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2023 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

1 Doutor e mestre em Serviço Social; Graduado em Enfermagem Professor da Ufal, campus Arapiraca.
E-mail: diego.souza@arapiraca.ufal.br

2 Doutor e mestre em Saúde Pública; Pesquisador da Fio-cruz/RJ; Médico e Poeta.
E-mail: mvasconcellos@uol.com.br

